



Foto: Wander Roberto/Inovafoto/COB

“o Judô foi amor à primeira vista”

AOS 11 ANOS DE IDADE, A MENINA ROSICLEIA escapava das aulas de Catecismo para assistir aos treinos de judô que aconteciam em uma academia próxima. Os pais – seu Rusicle e dona Delza –, ao saberem do que a filha vinha fazendo, não se zangaram: em vez disso, resolveram matricular a menina na academia. Foi o primeiro passo para a criação da atleta Rosicleia Campos (CREF 006257-G/RJ). Após a participação em dois Jogos Olímpicos, Barcelona (1992) e Atlanta (1996), a atleta virou técnica. E, no final de 2011, não apenas uma técnica: Rosicleia era premiada como melhor técnica em esportes individuais pelo Comitê Olímpico Brasileiro.

Nessa entrevista, Rosicleia conta sobre como se deu a transição de atleta para treinadora e como a sua formação em Educação Física contribuiu para seu trabalho como técnica da seleção brasileira feminina de judô, cargo que ocupa desde 2005.

Como soube que queria virar técnica de judô e como foi essa transição de atleta para técnica?

Antes mesmo de ser uma atleta reconhecida, já queria trabalhar com Educação Física, por pura afinidade. Eu queria cursar Educação Física, mas meu pai tinha muito preconceito, dizia que eu iria “morrer de fome”; ele esperava que eu seguisse carreira militar. Cheguei a cursar Turismo por dois anos, quando fiz vestibular “escondido” para Educação Física. Cursei um semestre escondida do meu pai, com o apoio da minha mãe, e, a partir do 2º semestre, o uso de uniforme era obrigatório. Foi quando meu pai recebeu a notícia e, com ela, a decepção de eu não seguir uma carreira militar. Me formei em 1992, no ano em que participei das Olimpíadas de Barcelona.

Em 2000, após perder a seletiva para tentar ir à minha terceira olimpíada como atleta, liguei para o presidente da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) na época, professor Mamede (CREF 017274-G/RJ), e comuniquei que estava me aposentando



Foto: Gaspar Nóbrega/Inovafoto/COB

como atleta, me colocando à disposição para toda e qualquer colaboração. O prof. Mamede, a técnica Cristina Madeira (CREF 012039-G/RJ), prof. Geraldo Bernardes (CREF 001356-G/RJ) e hoje meu coordenador no Flamengo, prof. Carlos Monteiro de Farias (CREF 005049-G/RJ), me convocaram como técnica auxiliar e sem dúvida foi uma das experiências mais ricas da minha vida. Tive que coordenar um grupo de atletas em que, alguns meses atrás, eu estava do mesmo lado que eles; deste grupo saíram medalhistas como Carlos Honorato e Tiago Camilo. Confesso que a confiança que a equipe técnica teve em mim chega a me emocionar. Em 2001, já com a nova gestão da CBJ, o atual presidente Paulo Wanderley, junto com o meu atual coordenador na Confederação, Ney Wilson (CREF 003935-G/RJ), me fizeram o convite para conduzir a equipe juvenil como técnica. No ano seguinte, fui promovida para a equipe júnior, permanecendo até 2005, quando me tornei técnica da equipe sênior.

No que sua formação como Profissional de Educação Física contribuiu para seu papel como técnica da seleção feminina?

Cursar Educação Física me deu conteúdo, lembro perfeitamente das minhas aulas de treinamento com o professor Edson Figueiredo (CREF 011883-G/RJ). Era o máximo entender como o meu corpo funcionava, porque eu era atleta e tinha a explicação fisiológica de como tudo acontecia. Estudar fisiologia com o prof. Edmundo Novaes foi uma experiência à parte. Tenho uma essência de educadora, é qua-

se incontrolável, e a parte didática do curso, com o Guilherme (CREF 002571-G/RJ) e a Rachel (CREF 002246-G/RJ), foi fundamental para que hoje eu me tornasse uma profissional completa, com base, fundamento e experiência esportiva. Com regras aprendidas com os professores Bira do basquete (CREF 029938-G/SP), Washington (CREF 001081-G/RJ) no vôlei, Capinussú (CREF 009451-G/RJ), na parte de organização, o Geraldo Bernardes no judô (que para tirar um 10 tive que “suar” a camisa), todos foram fundamentais e responsáveis por eu ser a profissional que sou hoje: eles me deram o conteúdo e, acima de tudo, eram exemplos a serem seguidos

Como se sente eleita a melhor técnica em esportes individuais pelo Prêmio Brasil Olímpico?

Quando subi naquele palco maravilhoso, do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, passou um filme em minha cabeça. Minha vida nunca foi fácil, houve inúmeros obstáculos para chegar aonde cheguei, mas tive muita ajuda, muitas pessoas – principalmente a minha família – me deram a base de que eu precisava. Valeu muito à pena passar por tudo, se pudesse escolher, faria “tudinho” de novo. Felicidade, orgulho, sentimento de um dever “quase” cumprido, foram essas as sensações que tive. Tenho total noção do que fiz, de onde cheguei, mas sei o quanto ainda tenho que caminhar, alcançar e conquistar. Naquele momento só pensei em agradecer, por isso demorei tanto em meu discurso – e olha que ainda faltou gente! (risos) ✨